

O que Roberto Campos estaria pensando da política econômica?

Paulo Roberto de Almeida
Preparada versão reduzida, sob o título
“O que Roberto Campos pensaria da política econômica”,
publicada no caderno econômico d’*O Estado de São Paulo*
(Sábado, 9 de outubro de 2004, p. B2;
link: <http://txt.estado.com.br/editorias/2004/10/09/eco033.html>).
Relação de Publicados nº 471.

No dia 9 de outubro se estará ultrapassando a marca dos três primeiros anos do falecimento, em 2001, do diplomata, economista, administrador público, político e pensador Roberto Campos, que foi também um comentarista cáustico e voluntariamente impiedoso de nossas (ir)realidades quotidianas e bizarrices institucionais. Infelizmente para nós (mas talvez felizmente para os seus adversários “filosóficos”), ele não viveu o suficiente para assistir, a partir de 2002, a uma das mais formidáveis revoluções intelectuais já registradas em toda a história do Brasil: nada mais, nada menos do que a incrível conversão da água em vinho, isto é, a transformação do antigo partido adepto das rupturas econômicas – e propenso a fazer passar as “prioridades sociais” antes do respeito aos contratos da dívida – em um grupo comprometido com a responsabilidade fiscal, com a boa gestão das contas públicas e, surpresa das surpresas, com a aceitação decidida e consentida, não só da renovação do acordo de assistência financeira com o FMI, como também das condicionalidades associadas ao seu “menu” de política econômica (mais parecido a um regime de emagrecimento do que a uma churrascaria rodízio).

O que estaria pensando de tudo isso o iconoclasta, irônico e irreverente Roberto Campos? O que estaria escrevendo a respeito da atual política econômica o mais arguto dos polemistas brasileiros contemporâneos, o homem a quem seus inimigos políticos teimavam em chamar de “Bob Fields”, como se ele fosse menos patriota ou menos comprometido com o interesse nacional do que aqueles que o provocavam com slogans mal concebidos, mas que hesitavam em (ou simplesmente evitavam) enfrentá-lo num debate aberto e responsável sobre esses temas candentes da atualidade econômica?

Onde quer que ele possa estar no presente momento – e eu o imagino no limbo econômico das soluções imperfeitas, como compete a todos os partidários da disciplina da escassez, esses adeptos realistas da “ciência lúgubre”, sentado confortavelmente à

esquerda de Hayek e à direita de Keynes –, ele deve estar soltando gostosas gargalhadas, comentando com seus incrédulos parceiros essa verdadeira “reversão de expectativas” a que o Brasil assistiu nos últimos dois anos e meio. Vamos imaginar um possível diálogo entre os três, com algumas rápidas incursões por parte de Marx (também, e mais do que nunca, no limbo) e uma única e breve intervenção do seu discípulo russo, Vladimir Ulianov, em férias de paragens mais quentes.

Roberto Campos, que nasceu no mesmo ano da revolução bolchevique, não teria perdido a oportunidade para, em primeiro lugar, espicaçar este último e provocar o filósofo alemão, cujas doutrinas serviram de inspiração para a mais desastrosa tentativa de superar os limites estreitos da escassez econômica em nome de uma suposta gestão socialista das forças produtivas. “O que você está achando da ‘nova política econômica’ Vladimir?”, perguntaria ele, para ouvir o outro resmungar ressabiado: “Os companheiros assumiram numa situação de verdadeira guerra econômica, pois os especuladores de Wall Street e os sabotadores internos queriam a derrocada imediata do novo governo. Eles precisaram, temporariamente, compor com as forças do mercado e com os banqueiros gananciosos, mas ainda guardam munição para combater a exploração capitalista e a opressão burguesa. Espere para ver.”

Sem esperar pelo resto, Roberto Campos dirigiu-se de maneira não menos provocadora ao autor do *Capital*: “Você acha mesmo, Karl, que nossos amigos saberão construir a sociedade ideal, na qual cada um contribuirá na medida de suas capacidades e cuja distribuição se fará segundo as necessidades de cada um de seus membros?” “Mas isto não é para agora, seu capitalista utópico”, respondeu o filósofo da mais valia, “e sim para a etapa comunista da revolução brasileira, isto é, para a última e derradeira fase da construção socialista. Por enquanto, até eu recomendaria uma política de transição e uma acomodação com os mercadores do templo, isto é, os donos do capital. De toda forma, ainda estamos no começo: não se esqueça que no *Manifesto* de 1848 eu preconizava primeiro o aprofundamento da globalização capitalista. Estou satisfeito com o que estou vendo: o novo governo caminha a passos rápidos no processo de internacionalização das empresas brasileiras, contribuindo com a missão histórica da rápida universalização do modo capitalista de produção. O socialismo está ao alcance da mão.”

Marx recebeu a surpreendente adesão do liberal Hayek, que também achava que o governo tinha tomado o caminho da servidão, construindo as bases da mesma economia coletivista que um dia trouxe sua querida Áustria, sob a forma do dirigismo nazista, assim como a Rússia, sob a economia totalmente estatizada dos bolchevistas. “E o senhor Herr Campos, não está preocupado ao ver a atual orientação do *Brasilianische ekonomik Regierung*?”, indagou ele, com o semblante carregado. “De fato, meu caro Friedrich”, comentou Campos, “vários dos membros da *omenclatura* tropical padecem de incurável nostalgia em relação aos antigos tempos revolucionários. Mas isso justamente não ocorre com *das Finanz Ministerium* de Herr Palocci: sua *Realekonomik* não causaria nenhum tipo de constrangimento ao seu amigo Friedman, de Chicago. Ele até agora se guiou pelo mais retos princípios do *Ideal Liberalismus* e estou certo de que ouviria com prazer algumas de suas receitas práticas sobre como escapar da servidão, hoje representada por um Estado economicamente opressor da liberdade de empreender, tão bem defendida em sua obra.”

Enquanto Hayek se deleitava ao ouvir essas palavras, Keynes fazia tilintar de impaciência o gelo de seu legítimo *scotch*, atacando sem mais esperar: “Mas esse doutor em medicina poderia ter evitado o amargo purgante de uma tão inútil quanto cruel recessão, se tivesse seguido uma das receitas da *Teoria Geral*, que recomendava injeções fiscais anti-cíclicas para poupar os *Brazilian workers* do desemprego e da perda do poder de compra. Ele precisava ter assegurado a demanda agregada, bem como o nível das despesas públicas, e deveria ter reintroduzido os controles de capitais, evitando a todo custo cair nas mãos daqueles fundamentalistas do FMI”.

“Você está mal informado, Maynard”, retrucou Campos, que tinha intimidade suficiente com o inglês para chamá-lo pelo seu nome do meio. “O Estado brasileiro não consegue sequer assegurar um dedal orçamentário para a recuperação das esburacadas estradas federais, quanto mais essa injeção fiscal que você recomenda para estimular a demanda agregada. O que ele faz, de um lado, é uma oferta desagregada de promessas insustentáveis de crescimento, ao mesmo tempo em que retira, por outro lado, as poucas poupanças da sociedade, pela mão de uma máquina de arrecadação mais ameaçadora do que um *dreadnought* britânico.” Antes que Keynes formulasse novas recomendações de política econômica a partir das idéias de algum economista morto, Campos completou,

com a mais fina ironia britânica: “As conseqüências econômicas de *mister* Palocci são, em todo caso, menos perigosas do que as recomendações bizarras dos seus discípulos no Brasil, que pretendem dar cabo de algo que nunca existiu em meu país: o liberalismo econômico. Francamente, Maynard, eles estão completamente *out of touch*! Passe o gelo, por favor, e se puder a sua garrafa também.”

Virando-se novamente para Hayek, Campos aduziu com um sorriso maroto: “Não aconteceu em minha vida, mas eu ainda vou assistir, no Brasil, aqui do alto, à mais incrível revolução capitalista que se poderia esperar de um antigo líder socialista radical.” Tendo Marx justificado que isso talvez representasse alguma necessidade histórica da fase de transição para o capitalismo globalizado – que, afinal de contas, tinha tido sua marcha interrompida por setenta anos de tropeços socialistas –, Campos concluiu, rendendo uma homenagem à prosa barroca de *Manifesto*: “Eu também acho Karl: os seus amigos ex-socialistas, hoje neocapitalistas, não têm mais nada a perder, senão os grilhões mentais que os prendem às velhas soluções estatizantes de um passado tão mítico quanto, hoje em dia, inexequível. Esses grilhões mentais precisam ser rompidos e eles serão rompidos”. E dirigindo-se a ambos: “Vamos brindar com um gole de *Schnaps* a esta revolução burguesa tropical?”

Paulo Roberto de Almeida é doutor em ciências sociais, mestre em planejamento econômico e professor universitário.
(pralmeida@mac.com; www.pralmeida.org)

Versão publicada:

O Estado de São Paulo, Sábado, 9 de outubro de 2004

Link: <http://txt.estado.com.br/editorias/2004/10/09/eco033.html>

O que Roberto Campos pensaria da política econômica?

ENTRE HAYEK E KEYNES, HERR CAMPOS ESTARIA RINDO DA REVERSÃO DE EXPECTATIVAS VISTA NO BRASIL

(Subtítulo da edição impressa do jornal: “Diálogo de mortos: de Marx, Keynes, Hayek e Campos sobre o Brasil de Lula)

PAULO ROBERTO DE ALMEIDA

No dia 9 de outubro se completam três anos do falecimento, em 2001, do diplomata, economista, administrador público, político e pensador Roberto Campos, que foi também

um comentarista cáustico e impiedoso de nossas bizarrices institucionais. O que estaria pensando o iconoclasta, irônico e irreverente Roberto Campos a respeito da política econômica do atual governo?

Onde estará ele no presente momento? Eu o imagino no limbo econômico das soluções imperfeitas, no purgatório da disciplina da escassez, na companhia de adeptos da "ciência lúgubre", sentado à esquerda de Hayek e à direita de Keynes, soltando gargalhadas a propósito da "reversão de expectativas" a que o Brasil assistiu nos últimos dois anos.

Roberto Campos não perderia a oportunidade para provocar o filósofo alemão cujas doutrinas serviram de inspiração para os propositores de uma "nova política econômica": "Você acha, Karl, que nossos amigos saberão construir a sociedade ideal, na qual cada um contribuirá na medida de suas capacidades e cuja distribuição se fará segundo as necessidades de cada um de seus membros?" "Isto não é para agora, seu capitalista utópico", responde o filósofo da mais-valia, "e sim para a etapa comunista, para a última fase da construção socialista. Por enquanto, até eu recomendo uma política de transição e uma acomodação com os donos do capital. No Manifesto de 1848 eu preconizava primeiro o aprofundamento da globalização capitalista. Estou satisfeito com o novo governo: ele promove a internacionalização das empresas brasileiras, ajudando na missão histórica da rápida universalização do modo capitalista de produção. O socialismo está ao alcance da mão."

Marx recebeu a surpreendente adesão do liberal Hayek, que também achava que o governo tinha tomado o caminho da servidão. "E o senhor, Herr Campos, não está preocupado com a orientação do *Brasilianische economik Regierung*?", indagou com o semblante carregado. "De fato, meu caro Friedrich", comentou Campos, "vários dos membros deste governo padecem de nostalgia em relação aos tempos revolucionários. Mas isso não ocorre com das *Finanz Ministerium* de Herr Palocci: sua *Realekonomik* não causaria nenhum constrangimento ao seu amigo Milton Friedman. Ele até agora se guiou pelos retos princípios do *Ideal Liberalismus* e estou certo de que ouviria com prazer suas receitas sobre como escapar da servidão, hoje representada por um Estado economicamente opressor da liberdade de empreender."

Enquanto Hayek se deleitava ao ouvi-lo, Keynes fazia tilintar o gelo de seu scotch, atacando sem mais esperar: "Mas esse doutor em Medicina poderia ter evitado o purgante de uma cruel recessão, se tivesse seguido as receitas da Teoria Geral, que recomenda injeções fiscais anticíclicas para poupar os *Brazilian workers* do desemprego. Ele precisa assegurar a demanda agregada e o nível das despesas públicas, além de controlar os capitais, evitando cair nas mãos dos fundamentalistas do FMI."

"Você está mal informado, Maynard", retrucou Campos, que tinha intimidade com o inglês para chamá-lo pelo nome do meio. "O Estado brasileiro não consegue sequer manter as estradas federais, quanto mais fazer essa injeção fiscal para estimular a demanda agregada. O que ele faz é uma oferta desagregada de promessas insustentáveis de crescimento, ao mesmo tempo em que retira a poupança da sociedade, usando uma máquina de arrecadação mais ameaçadora do que um *dreadnought* britânico." Antes que Keynes formulasse novas recomendações de política econômica a partir das idéias de algum economista morto, Campos completou, com a mais fina ironia britânica: "As conseqüências econômicas de mister Palocci são, em todo caso, menos perigosas do que as recomendações bizarras dos seus discípulos no Brasil, que pretendem dar cabo de algo

que nunca existiu em meu país: o liberalismo econômico. Francamente, Maynard, eles estão completamente out of touch!

Passe o gelo, por favor, e a garrafa também."

Virando-se para Hayek, Campos aduziu com um sorriso maroto: "Não aconteceu em minha vida, mas ainda vou assistir, no Brasil, à mais incrível revolução capitalista que se poderia esperar de um antigo líder socialista." Tendo Marx justificado que isso era uma necessidade histórica da transição para o capitalismo globalizado - que tinha tido sua marcha interrompida por 70 anos de tropeços socialistas -, Campos concluiu, rendendo uma homenagem à prosa barroca do Manifesto: "Eu também acho Karl. Os seus amigos ex-socialistas, hoje neocapitalistas, não têm mais nada a perder, senão os grilhões mentais que os prendem às velhas soluções estatizantes de um passado tão mítico quanto, hoje em dia, inexequível. Esses grilhões mentais precisam ser rompidos e eles serão rompidos." E dirigindo-se a ambos: "Vamos brindar com um gole de Schnaps a esta revolução burguesa tropical?"